

APRENDIZAGEM, MODALIDADES E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O TRABALHO DE PREVENÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO

LEARNING, MODALITIES AND LEARNING DIFFICULTIES: THE PSYCHOPEDAGOGUE'S PREVENTION WORK IN THE INSTITUTION

Ms. Lyandra de Azevedo Pereira¹

RESUMO: Os desafios de se trabalhar em sala de aula estão cada vez maiores devido a fatores diversos, dessa forma destaca-se a necessidade de conhecer como acontece o processo de aprendizagem, as dificuldades que surgem nesse percurso e o que pode ser feito tanto para facilitar, quanto para recuperar a aprendizagem. Como processo metodológico para esse artigo, foi realizado um levantamento bibliográfico em que serão apresentados pensamentos e concepções de alguns estudiosos sobre o tema, como Barbosa (2001), Fernández (1991; 2001), Portilho (2011), Porto (2007), Sisto (2012). Dessa forma pretende-se tornar menos doloroso o trabalho em sala de aula, tanto para o aluno, quanto para o professor, tornando mais alegre e prazeroso o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem. Modalidades de Aprendizagem. Estilos de Aprendizagem. Dificuldades de Aprendizagem. Psicopedagogia Institucional.

ABSTRACT: The challenges of working in the classroom are increasingly greater due to different factors, thus highlighting the need to know how the learning process happens, the difficulties that arise in this path and what can be done so much for facilitate, as well as to recover learning. As a methodological process for this article, a bibliographic survey was carried out in which thoughts and conceptions of some scholars on the theme will be presented, such as Barbosa (2001), Fernández (1991; 2001), Portilho (2011), Porto (2007), Sisto (2012). In this way, it is intended to make the work in the classroom less painful, both for the student and for the teacher, making the learning process more joyful and pleasurable.

Keywords: Learning. Learning modalities. Learning Styles. Learning difficulties. Institutional Psychopedagogy.

Data de Submissão: 20.março.2021

Data de Aprovação: 30.março.2021

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Estado de Goiás. Professora da Disciplina de Estágio Supervisionado no Centro Universitário Alfredo Nasser.

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, nas salas de aula, percebe-se alguns entraves e desafios no processo de aprendizagem. A partir dessa inquietude sentiu-se então a necessidade de compreender melhor como se dá a aprendizagem, as dificuldades que surgem nesse percurso e como ajudar a recuperar essa aprendizagem, a vontade de aprender, o que necessitou entender também o trabalho do psicopedagogo na instituição.

Com a globalização e o avanço da tecnologia passou-se a ter acesso a mais informações e de maneira rápida, assim se faz necessário o trabalho do psicopedagogo, a fim de observar como se processa a aprendizagem e as dificuldades que possam aparecer.

Como processo metodológico para esse artigo, foi realizado um levantamento bibliográfico em que se apresenta a seguir, pensamentos e concepções de alguns estudiosos sobre o tema, como Barbosa (2001), Fernández (1991; 2001), Portilho (2011), Porto (2007), Sisto (2012).

Esse artigo se encontra dividido em quatro partes em que inicialmente, explicitará sobre como se dá a aprendizagem, perpassando pelas modalidades, dificuldades e estilos de aprendizagem, o que trouxe a necessidade de entender sobre a atuação do psicopedagogo na instituição.

2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NUMA ABORDAGEM COGNITIVA

Tradicionalmente compreende-se a aprendizagem como um processo exclusivamente consciente e produto da inteligência, ignorando o corpo e a afetividade.

Após análise de algumas teorias sobre a aprendizagem, verificou-se que existem dois paradigmas: o comportamental e o cognitivista. Será abordado nesse artigo o paradigma cognitivista.

Dentro do paradigma cognitivista existem diversas formas de aprender, na visão de alguns autores, em que discutem a diferença entre a aquisição de informações e do conhecimento.

Robert Gagné (*apud* Portilho, 2011) dá importância ao caráter

biologicamente e valoriza o meio externo para construir o conhecimento. Para que ocorra aprendizagem o sujeito precisa passar por uma transformação.

- Aprendizagem de signo e sinais - a aprendizagem acontece através de algum sinal ou símbolos.
- Aprendizagem estímulo-reação - tem o estímulo e a aprendizagem acontece quando o sujeito quiser.
- Aprendizagem por cadeia - se dá por meio de uma sequência de ações.
- Associações verbais - aprendizagem com associações de imagens com a palavra.
- Discriminações múltiplas - quando o sujeito faz associações, classificações e discriminações.
- Aprendizagem de conceitos - conseguir dar respostas a conceitos abstratos.
- Aprendizagem de princípios - fazer relação entre dois ou mais conceitos.
- Aprendizagem de resolução de problemas - diante de alguns princípios, conseguir usá-los em diversos problemas.

Então a aprendizagem se dá diante de informações e estímulos, que leva a construir uma resposta, na qual ocorre a aprendizagem.

Com base em Kieling Franco (*apud* Portilho, 2011) pode-se afirmar um conceito de aprendizagem, fundamentado na teoria behaviorista, como uma mudança de comportamento resultante de condicionamentos. Nesse caso a escola tinha como objetivo transmitir conhecimentos, prontos e acabados, recorrendo aos processos de condicionamento, sem desenvolver a consciência crítica dos sujeitos, os tornando submissos.

Albert Bandura (*apud* Portilho, 2011) propõe a Teoria Social Cognitiva, pois observou que para adquirir a aprendizagem são necessárias as interações sociais. Defendendo que a aprendizagem se dá através da observação dos outros, da memória, da motivação e da afetividade. E para que ocorra aprendizagem, deve-se passar por isso, revertendo de forma positiva, sendo o papel do professor de grande valia neste processo.

Interpretando as ideias de Piaget (*apud* Portilho, 2011) verifica-se uma concepção de aprendizagem vinculada ao conhecimento, denominado de processo cognitivo. A interação do homem com o mundo possibilita a construção de estruturas cognitivas cada vez mais complexas.

O indivíduo constrói e reconstrói diariamente para que alcance o equilíbrio, construindo o conhecimento, o que vem a ter, cada vez mais, melhor interação com o meio. Para Piaget é através da ação do sujeito que se constrói o conhecimento.

Jerome Bruner (*apud* Portilho 2011 p.45 e 46) fala da Teoria da Instrução, em que existem mais aspectos que podem ser bem explicados. “Qualquer assunto pode ser ensinado eficazmente, de forma intelectualmente honesta, a qualquer criança em qualquer estágio do desenvolvimento”, ele acredita que o maior desafio da educação não é entender as fases e sim a maneira em que as informações são trabalhadas pelo professor.

Uma atividade com três processos: a aquisição, a transformação e a avaliação da informação. Exigindo força de vontade da pessoa. Diz Bruner (*apud* Portilho 2011 p. 49) “Uma teoria de aprendizagem deve basear sua preocupação no “como” ensinar, no melhor ensinar, para que o aprendido alcance os níveis de qualidade mais elevados possíveis”. Devendo ter uma boa relação entre aquele que ensina e aquele que aprende para que haja qualidade de aprendizagem.

Outra teoria que merece destaque é a teoria de aprendizagem de Ausubel (*apud* Portilho 2011), também denominada de teoria significativa, em que o papel do professor é acima de tudo um facilitador ou um mediador e o papel do aluno deverá ser ativo no processo de aprendizagem e ensino.

O autor chama a atenção para a importância de valorizar os conhecimentos que são trazidos pelos sujeitos, no qual permitimos descobrir e redescobrir outros conhecimentos. A partir deste princípio deve-se organizar juntamente com a realidade, preocupando sempre com a aprendizagem, tornando-a prazerosa, significativa e eficaz.

Para Fernández (1991) o processo de aprendizagem deve levar em conta o organismo herdado por esse sujeito, o seu corpo (sendo esse um corpo que aprende, que pensa, que sofre, que age), sua inteligência autoconstruída nas interações, no desejo de aprender, tendo a necessidade de um vínculo e confiança, sendo que o primeiro vínculo se dá na relação mãe e filho.

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. (FERNÁNDEZ, 1991 p. 48)

Para aprender é necessário a presença de quem ensina e de quem é ensinado, e um vínculo entre eles, perpassando por quatro níveis, sendo o orgânico, o corporal, o intelectual e o simbólico, com a intervenção da família.

A aprendizagem ocorre em um processo que vai além da aprendizagem escolar e que não fica restrito à criança. A aprendizagem não vem inscrita geneticamente, mas se adquire. Há a memória do corpo e a memória do organismo, que são diferentes, mas fazem parte da memória da inteligência e do desejo na aprendizagem.

Para que ocorra a aprendizagem, se faz necessário trabalhar as relações entre o organismo e o corpo, incluindo a inteligência e o desejo que estão relacionados à estrutura socioeconômica.

Ao falar de aprendizagem, fala-se de inteligência, desejo e corporeidade ligados à afetividade, a relação com o meio, não ficando restrito ao organismo, o que Fernández (1991) chama de intercâmbios simbólicos, virtuais e vínculos de aprendizagem.

Para apropriar-se de algum conhecimento é necessário reinventá-lo, passando pela experiência da alegria, sendo um “construtor de autoria de pensamento” (FERNÁNDEZ, 2001 p. 30). Por isso a autora afirma que a aprendizagem é algo subjetivo. Muitas vezes o ensinante tenta despertar o interesse do sujeito dizendo ser importante aprender aquilo para ganhar dinheiro ou para conseguir um bom trabalho, não permitindo aos sujeitos criarem seus próprios desejos de aprender.

Pain (*apud* Fernández, 1991), define a aprendizagem como um processo que permite a transmissão do conhecimento de um sujeito que sabe, para um outro sujeito que vai transformá-lo, reproduzi-lo, apropriar-se por intermédio do seu saber, somente assim, integrando ao seu saber que o conhecimento é adquirido e pode ser utilizado.

Segundo Fernández (2001), não se aprende de qualquer um, aprende-se daquele que o sujeito permite ser ensinado, dependente da relação emocional, de quem se confia, bem como deve-se preocupar com o espaço, ou seja, um espaço de confiança, de liberdade, de jogo, um espaço em que se viva a aprendizagem de forma que estimule a entrada do conhecimento pelo corpo.

Aprender é se surpreender pelo o que já é conhecido e o professor só conseguirá criar um espaço de aprendizagem a partir do momento em que ele

construir esse espaço para si mesmo, ou seja, uma atividade passa a ser prazerosa quando o professor sente prazer em ensiná-la, se colocando no lugar de seus alunos, porque só consegue ser um bom ensinante, aquele que é um bom aprendiz.

Todo professor deve permitir que seu aluno vivencie, passe por experiências diversificadas, deixando com que façam e não que façam por eles, afim de obterem a vivência da satisfação da aprendizagem. Para isso cada sujeito cria a sua forma de aprender, sua modalidade de aprendizagem.

3 MODALIDADES DE APRENDIZAGEM

Entende-se que a aprendizagem é única, para cada pessoa, o ganho ou a consequência de cada um leva a uma diversidade, em sua vida pessoal e no ambiente em que está inserida, como também desenvolve conhecimento sobre si mesma, obtendo mais e mais conhecimentos, fazendo com que se comprometa mais consigo mesma e com o planeta em que vive.

A aprendizagem no ser humano tem em cada um suas características diferenciadas, tanto no físico, como no psicológico, mental, social e étnico. E em consequência, cada um pensa mais em si mesmo do que na coletividade.

Desde o nascimento, todos os sujeitos criam uma forma para se aproximar do conhecimento, um meio de aprender que vão criando nas diferentes situações de aprendizagem, chamado de modalidades de aprendizagem.

Sendo assim pode-se afirmar que a primeira modalidade de aprendizagem da criança acontece na família, como essa família aprende as estratégias que criam para aprender e estão ligadas à personalidade do sujeito. Dessa forma a modalidade de ensino dos pais incide na modalidade de aprendizagem do filho.

Pode-se dizer que se aprende alguma coisa, na medida em que transforma a realidade do sujeito, a partir das informações que recebe, não perdendo a visão global da realidade.

Dessa forma, a ênfase passa a ser na Aprendizagem e não mais no ensino. Aprender qualquer pessoa é capaz, habilidade é o conhecimento profundo teórico ou prático relativo a determinada profissão.

Classifica-se em repetição, gestão e de controle. O sujeito começa a ter habilidades a medida que dá os primeiros passos, corre, come sozinho e etc,

habilidades são construídas e podem ser ensinadas.

4 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

As estratégias que o sujeito faz uso têm como objetivo facilitar a aprendizagem, englobando estratégias cognitivas, as que são usadas para aprender e lembrar, e metacognitivas, que se refere “ao conhecimento que as pessoas têm dos próprios processos cognitivos” (BORUCHOVITCH In SISTO et al., 2012 p. 50). Sendo essa última a que permite planejar, monitorar e controlar as atividades cognitivas, bem como modificar as estratégias quando sentir a necessidade. Isso só acontece quando o sujeito tem confiança em si e se sinta capaz.

A aprendizagem é um processo que interfere no desenvolvimento da inteligência, em que é necessária à articulação e o equilíbrio entre o corpo, o desejo e o organismo, utilizando de dois movimentos que Piaget (*apud* Fernández, 1991) definiu de assimilação e acomodação.

Os primeiros entendimentos sobre modalidade do processo assimilativo-acomodativo, de Pain (*apud* FERNÁNDEZ, 1991), estavam mais direcionados para a inteligência como elemento da aprendizagem. Porém, Fernández (1991), ressignificou esse processo ao afirmar que a assimilação e a acomodação devem estar em equilíbrio para ocorrer a aprendizagem, mas esses não são suficientes para entender a experiência corporal e estética da aprendizagem, para tanto deve-se incluir ainda aspectos da subjetividade, englobando o organismo, a inteligência, o corpo e o desejo, construída e constituída no vínculo com o outro.

A assimilação é o movimento do processo de adaptação, que para incorporar o que se aprende, é preciso integrar o conhecimento que acaba de aprender, com o que já se sabe. Junto a esse mecanismo acontecem os sonhos, os desejos, as emoções.

Acomodação é o movimento do processo de adaptação, que ao mesmo tempo em que transforma o conhecimento, transforma também a si mesmo.

No equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, sem que um prevaleça sobre o outro, se dá a adaptação. Para que ocorra uma aprendizagem é preciso apropriar-se e pressupõe-se uma modalidade de aprendizagem com esse equilíbrio

entre a assimilação e acomodação.

Fernández (2001) fala ainda das modalidades de aprendizagem chamadas de hiperacomodação-hipoassimilação, hipoacomodação-hiperassimilação.

Hiperacomodação é quando o sujeito dá um significado à transformação da realidade, no qual não se coloca nenhuma inovação ao novo conhecimento, não recorre às experiências anteriores para construir ou reconstruir a aprendizagem, se acomodando, imitando, incapaz de criticar as normas, sendo um sujeito submisso, o que vem a gerar uma hipoassimilação ocasionando déficit lúdico e criativo, sem imaginação.

Dessa forma o sujeito buscará modificar o menos possível o conhecimento para aprender, o que o levará a reprodução, cópias, memorização e não ocorrerá a real aprendizagem. Se isso acontecer muito cedo, pode ocasionar grandes prejuízos na aprendizagem do sujeito, sendo difícil de superar.

Ao privar o sujeito de construir seu conhecimento, fazendo por ele, dando as respostas, sem que ele precise pensar, estará desenvolvendo o aspecto hipoacomodativo, no qual o sujeito desconfia da sua “capacidade de operacionalizar o que deseja” (FERNÁNDEZ, 2011. P.119), levando à fragmentação da sua criatividade, esperando sempre pela ajuda do outro, sem passar pela experiência da satisfação de criar estratégias para conseguir o que queria. Tem dificuldade na internalização das imagens, problemas na aquisição da linguagem.

Na hiperassimilação há o predomínio da ludicidade e fantasia, uma subjetivação excessiva. O sujeito é resistente aos limites, com dificuldades para resignar-se.

Para Prieto (*apud* Portilho 2011 p.82) “[...] habilidade é toda a atividade mental que se pode aplicar a uma tarefa específica, que se quer aprender”.

Para Beltrán Llera (*apud* Portilho 2011 p.82) “[...] habilidade é uma destreza do sujeito para realizar uma determinada tarefa, que poderá repetir-se uma ou outra vez, até converter-se em uma habilidade mecânica”.

Há alguns autores que defendem a ideia de estratégias de aprendizagem, como Cavellucci (2017, p. 11):

Entendemos estratégias de aprendizagem como maneiras de lidar com as diferentes formas nas quais as informações são apresentadas e as situações de aprendizagem são organizadas. Elas têm a função de contornar dificuldades, amenizando possíveis incompatibilidades entre a forma como as informações são apresentadas, as situações de aprendizagem são or-

ganizadas e as preferências individuais, também visando a potencialização da aprendizagem.

Já a técnica é definida como sendo procedimentos realizados de forma controlada, sem plano e de modo rotineiro. Quando há planejamento e ações objetivando atingir uma meta, o sujeito deve compreender o que e porque está fazendo para realizar determinada atividade.

Pode-se entender então que em uma estratégia pode-se ter, uma ou mais técnicas. As estratégias de aprendizagem são divididas em blocos de revisão, de elaboração e de organização.

Flavell (*apud* Portilho 2011 p.84) lembra que: “O sujeito desenvolve o seu processo de aprendizagem, baseando-se em estratégias cada vez mais específicas, conforme a tarefa que está realizando”. Esta estratégia requer que o aprendiz, seja jogador antes de ser treinador.

Segundo Carles Monereo Font e Montserrat Castelló Badia (*apud* Portilho 2011), as estratégias de aprendizagem são sempre conscientes, incluindo diferentes procedimentos.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Inglaterra mostram que o aprendiz deve ser instruído através de procedimentos experimentais de forma a entender todo procedimento e conteúdos de sua aprendizagem. Essas estratégias podem ser divididas em Holísticas, Serialistas ou Versáteis.

As estratégias Holísticas são aquelas que os sujeitos tem uma visão mais clara da tarefa, aproximando da totalidade. Realizam tarefas com autonomia, relacionando os tópicos a serem estudados. Sujeitos que usam em demasia estratégias holísticas podem desenvolver uma dificuldade, denominada de *Globetrotting* em inglês ou *Trotamundismo* em espanhol, que em português está relacionada à expressão pessoa que ‘viaja’, ou seja, tomam decisões ou conclusões superficiais, alienadas, sem muita evidência. São sujeitos que “veem um jardim, mas não enxergam as flores que o compõem” (PORTILHO 2011 p.85).

Nas estratégias Serialistas, há concentração na aprendizagem, de forma organizada, mas sem conexão com a totalidade. Não estabelecem relações através dos fatos e resultados comprovados através das experiências. São prudentes em suas interpretações, porém não utilizam muito a imaginação visual ou a experiência pessoal. Usam a lógica mais do que a intuição, não se preocupam com suas explicações, são mais científicos. São sujeitos que “olham as árvores, mas não

veem os bosques” (PORTILHO 2011 p.86).

Já na estratégia Versátil, ao contrário da modalidade anterior, o sujeito tem a compreensão do todo, uma visão geral do objeto, tendo uma relação entre o fato e a conclusão. E isto se chama versatilidade na hora de aprender.

Na opinião de Carrasco (*apud* PORTILHO 2011 p.86), a Aprendizagem é o “modo de atuar que facilita a aprendizagem”. Havendo integração em seus esquemas cognitivos, sendo criativo, memorizando os conhecimentos integrados.

Essas estratégias de aprendizagem são de apoio, de atenção, de processamento da informação, de memorização, da personalização, estratégias para aproveitar bem as aulas e por último de expressão da informação. A melhoria da qualidade da aprendizagem de uma pessoa depende do reconhecimento das estratégias utilizadas.

Ference Marton (*apud* PORTILHO 2011) parte do princípio de que o processo de aprendizagem, parte do aluno. Isto porque ele considera que na aprendizagem, o importante é o descobrir, encontrar o que mais gosta e qual caminho seguir.

Esse autor destaca enfoques de aprendizagem com os níveis de compreensão, classificados como Enfoque profundo ativo ou passivo, Enfoque superficial ativo ou passivo.

5 ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Alguns autores enfatizam que o aluno para aprender, está diretamente vinculado ao professor, caso esse modifique o processo deve adequá-lo ao processo de aprendizagem do aluno. Portanto não deve se restringir somente ao trabalho grupal e, como esse aluno gosta de realizar essa tarefa é o estilo.

David Kolb (*apud* PORTILHO 2011 p.96) propõe um modelo de aprendizagem experimental cíclica, em quatro estágios, como a experimentação concreta, observação reflexiva, conceitualização abstrata, experimentação ativa.

Percebe-se que a aprendizagem é um processo dialético, exigindo uma série de habilidades de níveis diferentes. Kolb (*apud* Portilho 2011) ressalta dois caminhos na nossa aprendizagem como percebemos e como processamos o que percebemos. Kolb (*apud* PORTILHO 2011) concluiu que os sujeitos são situados em quatro tipos de aprendizagem: convergente, divergente, assimilativo e criativo.

Segundo o autor, o conceito de estilos de aprendizagem resulta das experiências vividas de cada pessoa como também exigências do meio em que vive.

Kolb (*apud* PORTILHO 2011) afirma ainda que os estilos de aprendizagem são situacionais, ou seja, os estilos a serem utilizados podem variar não se servindo sempre do mesmo estilo de aprendizagem.

Richard M. Felder (*apud* CAVELLUCCI, 2007 p. 8), chama de

[...] estilos de aprendizagem uma preferência característica e dominante na forma como as pessoas recebem e processam informações, considerando os estilos como habilidades passíveis de serem desenvolvidas. Afirma que alguns aprendizes tendem a focalizar mais fatos, dados e algoritmos enquanto outros se sentem mais confortáveis com teorias e modelos matemáticos. Alguns também podem responder preferencialmente a informações visuais, como figuras, diagramas e esquemas, enquanto outros conseguem mais a partir de informações verbais – explicações orais ou escritas. Uns preferem aprender ativa e interativamente, outros já tem uma abordagem mais introspectiva e individual. (...)

Honey (*apud* Portilho 2011) sugere quatro estilos de aprendizagem, sendo o estilo ativo, reflexivo, teórico e pragmático.

Os sujeitos que gostam de aprender fazendo, de ter novas experiências, de resolver problemas, mudar e variar as rotinas diárias tem as características do estilo de aprendizagem ativo.

Já os sujeitos do estilo de reflexão, são reflexivas, ponderadas, cuidadosas, prudentes, enfim, gostam mais de observar e escutar, antes de tomarem decisões.

Os que utilizam do estilo teórico de aprendizagem questionam mais, tem mais objetividade, são mais ordenadas, são racionais, generalistas e gostam de se sentirem pressionadas intelectualmente.

Por fim, os sujeitos que usam o estilo pragmático são mais técnicos, realistas, tendo planejamento, organização para solucionar problemas. Estão sempre apresentando vantagens práticas, simulam viver situações de problemas da vida real.

Torna-se imprescindível, para o desenvolvimento do trabalho do psicopedagogo, conhecer a sua modalidade de aprendizagem, principalmente nos casos de Dificuldades de Aprendizagem. Esse profissional precisa conhecer como esse sujeito aprende para, a partir disso, elaborar seu plano de ação para auxiliar esse sujeito no processo de aprendizagem.

6 QUANDO SURGEM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Durante a pesquisa literária verificou-se que não há uma definição sobre Dificuldades de Aprendizagem – DA – aceita mundialmente, devido à existência de vários fatores e sintomas.

Há controvérsias tanto com relação aos seus limites quanto em relação à definição do termo, passando por Distúrbios de Aprendizagem, Problemas de Aprendizagem, sendo que só houve um consenso em 1988 com o termo Dificuldades de Aprendizagem. A expressão, Dificuldades de Aprendizagem, foi considerada um avanço ao “reconhecer a complexidade de um fenômeno que abarca problemas diferentes” (SISTO et al., 2012, p. 29).

Alguns pesquisadores afirmam que as Dificuldades de Aprendizagem são ocasionadas por problemas cerebrais ou neurológicas, sendo que atualmente as pesquisas mostram que os sujeitos com Dificuldades de Aprendizagem nem sempre possuem problemas neurológicos, o que difere dos transtornos de aprendizagem em que sempre há a presença de uma disfunção neurológica, como por exemplo, a discalculia, a dislalia, a dislexia, a disortografia, etc.

Pode-se assim afirmar que o sujeito com problemas cerebrais ou neurológicos tem Dificuldades de Aprendizagem, mas nem todo o sujeito que tem Dificuldades de Aprendizagem tem problemas cerebrais ou neurológicos.

Inicialmente o termo Dificuldades de Aprendizagem servia para explicar problemas relacionados apenas à leitura - sendo justificado por questões neurológicas - surgindo depois as Dificuldades de Aprendizagem da Linguagem, ampliando para problemas com a fala, escuta, leitura ou escrita, justificado por questões de conduta.

Há ainda pesquisadores que atribuem as Dificuldades de Aprendizagem a distúrbios de natureza bioquímica e outros que afirmam que “são decorrentes da interação entre a qualidade da instrução e as características emocionais e motivacionais dos alunos” (BORUCHOVITCH In SISTO et al., 2012, p. 41).

Os problemas relacionados com a leitura e escrita, no início da década de 60, estavam divididos em cinco categorias: Aprendizizes lentos; Retardados mentais; Com transtornos emocionais; Privadas emocionalmente; Dificuldades de Aprendizagem, sendo que essa última foi criada para explicar o fracasso escolar das crianças de classe social e cultural elevada.

Na metade dos anos 70, nos Estados Unidos, classificaram as Dificuldades de Aprendizagem como transtornos relacionados à linguagem – fala, compreensão, leitura, escrita - o que necessitou de uma legislação para o tratamento com profissionais da medicina. No Brasil, o termo Dificuldades de Aprendizagem está voltado para o fracasso escolar.

De acordo com Boruchovitch (In SISTO et al., 2012), Samuel Kirk mudou esse entendimento ligado a um paradigma médico, e criou os serviços de educação especial, específicos para os sujeitos com Dificuldades de Aprendizagem, com uma abordagem psicoeducacional.

As Dificuldades de Aprendizagem estão ligadas a problemas que o sujeito venha a ter em acompanhar o ritmo de aprendizagem dos seus colegas com a mesma idade. No entanto, não é por qualquer dificuldade na escola que se precisa encaminhar para um determinado especialista. Precisa verificar até que ponto esse atraso é um problema desse aluno, uma vez que existem outros motivos que podem vir a provocar esse atraso, como o currículo, metodologia inadequada, relacionamento professor-aluno conturbado, bem como fatores emocionais e afetivos, incluindo a relação com a família.

Para Boruchovitch (In SISTO, 2012), as Dificuldades de Aprendizagem podem ser encontradas em problemas situacionais negativas, não necessariamente ligados a fatores orgânicos, em que apresenta comprometimento em algumas circunstâncias e em outras não; Problemas de comportamento; Problemas emocionais; Distúrbios da fala e da linguagem, ou seja, de comunicação; Problemas de visão e audição; Problemas múltiplos em que aparece mais de um sintoma.

As pesquisas mostram que não há uma única causa, mas sim um conjunto de fatores ligados aos aspectos afetivos, perceptivos e à maturidade funcional do sistema nervoso, tendo como fatores responsáveis as características físicas, emocionais, cognitivas e comportamentais dos alunos e familiares, tendo assim uma visão mais restrita. Há controvérsias tanto na definição do termo, como também na determinação das causas e origens.

Embora se admita que as Dificuldades de Aprendizagem possam ocorrer concomitantemente às deficiências de ordem sensorial, atraso mental ou dificuldades de ordem emocional, bem como a fatores de ordem extrínseca, como condições ambientais desfavoráveis ou instrução insuficiente ou inadequada, não se tem considerado que a dificuldade de

Aprendizagem seja o resultado dessas condições. (MARTINELLI, In SISTO et al., 2012, p. 108)

Há alguns estudiosos que consideram que as Dificuldades de Aprendizagem se originam tanto de fatores intraescolares, relacionados às falhas das práticas pedagógicas, formação do professor, de forma a melhorar a capacidade de ensinar, como extraescolares, relacionados ao nível socioeconômico e cultural dos alunos.

No entanto, só podem ser entendidas na interação intraescolares e extraescolares, com intervenções no aluno, nas práticas pedagógicas e de natureza social, econômica e política.

A psicologia cognitiva relaciona as Dificuldades de Aprendizagem com as dificuldades dos alunos em planejar e colocar em prática sua rotina de estudos, de forma a conseguir controlar seus processos cognitivos, sendo então decorrentes de estratégias erradas e não de deficiências de capacidades ou de inteligências. A psicologia cognitiva vai assim auxiliar o sujeito a descobrir sua modalidade de aprendizagem de forma a fazer uso dela e superar a Dificuldade de Aprendizagem.

Verificou-se também, durante esse estudo, pesquisas que relacionam as Dificuldades de Aprendizagem aos problemas motivacionais, ao desejo, um interesse despertado no aluno.

[...] alunos motivados, em geral, são marcados pelo interesse de busca, pelo esforço, pela persistência e pelo engajamento em atividades acadêmicas. Em contraste, estudantes desmotivados não se esforçam intencionalmente, resistem em procurar ajuda e desistem facilmente de desafios e dificuldades (BORUCHOVITCH, In SISTO et al., 2012 p. 48).

Pesquisas mostram que sujeitos com Dificuldades de Aprendizagem apresentam descrença em aprender e possuem cinco características, tanto as crianças apenas com problemas motivacionais, quanto às com Dificuldades de Aprendizagem.

Uma dessas características é a que esses sujeitos procuram ficar sempre na defensiva, para que ninguém diga que ele é incapaz, sem inteligência, por isso procuram copiar do amigo, procuram se distrair com outras coisas, estratégias que prejudica a si mesmo. Há autores que dizem ser errado afirmar que o sujeito defensivo é desmotivado uma vez que sua motivação é não parecer que é um fracasso.

Outras características apontadas por Boruchovitch (2012) é que são sujeitos sem esperanças, inseguros, ansiosos, satisfeitos com o que sabem, com o que

tem, sem intenção de ir além. As Dificuldades de Aprendizagem levam o sujeito a ter problemas motivacionais assim como os problemas motivacionais levam o sujeito a ter Dificuldades de Aprendizagem.

É fato que as crianças chegam à Escola com costumes e ritmos diferentes. Umas com atrasos de maturidade, provocado por questões neuropsicológicas, outras por apresentarem comportamentos considerados inadequados, por terem uma educação permissiva.

Esses costumes e ritmos provocam comportamentos que chocam com a aprendizagem formal da escola, chegando a ser mal compreendidas e mal interpretadas, rotulando e afundando ainda mais esses sujeitos, ou até mesmo diagnosticando-os de forma errada.

Alguns sintomas podem ajudar o professor a perceber que seu aluno tem alguma dificuldade de Aprendizagem, já na Educação Infantil, como por exemplo, problemas na área da linguagem, com uma lenta aquisição de vocabulário, dificuldades em seguir instruções orais, problemas em redigir, resumir e soletrar; Problemas com a memória, dificuldades em aprender números, dias da semana, em recordar fatos; Problemas com a atenção, dificuldade em concentrar-se quando não é do seu interesse, de planejar, de autocontrole; Problemas com a motricidade, como não conseguir amarrar cadarço, resistência a desenhar, escrita ilegível, lenta, resistência em escrever, etc.

Sabe-se das dificuldades do professor em lidar com as Dificuldades de Aprendizagem, por falta de conhecimento ou até mesmo por envolver questões mais amplas, familiares e neurológicas, por isso a importância e a necessidade de um psicopedagogo, principalmente na instituição, com o trabalho preventivo, realizando intervenções necessárias, a fim de evitar problemas maiores no futuro.

7 A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL A FAVOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A psicopedagogia é uma área de estudos nova, responsável por estudar e compreender as dificuldades que surgem no campo da aprendizagem, muitas vezes de forma implícita. Sendo assim a psicopedagogia nasce com o objetivo de atender as Dificuldades de Aprendizagem.

O período de adaptação à Escola e as demandas que surgem nela nem sempre ocorrem de forma tranquila. Nesse espaço coloca-se a prova a capacidade cognitiva do aluno, o que pode ser motivo de angústias, gerando inseguranças, se sentido pressionados a corresponderem às exigências dos professores e da família.

O que pode levar ao sentimento de fracasso e de desvalorização, levando a problemas mais sérios se prolongado, como comportamentos agressivos, dispersão para fugir da situação frustrante, comportamento de apatia, afastamento do convívio social, processo de desmotivação generalizada.

São crescentes os problemas ligados às dificuldades de aprendizagem no Brasil. A pedagogia [...] tem sido insuficiente para prevenir ou intervir nesses casos. Nesse contexto, a psicopedagogia surge para auxiliar a intervenção e a prevenção dos problemas de aprendizagem (PORTO, 2007, p. 108).

O Psicopedagogo atua mediando o sujeito e o que lhe causou a dificuldade de aprendizagem. Ele deve conhecer o problema de aprendizagem que o sujeito está para planejar a intervenção, auxiliando-o a reelaborar, reconstruir sua história a fim de retomar o percurso normal da aprendizagem.

A psicopedagogia Institucional trabalha com o caráter preventivo e curativo a fim de evitar as Dificuldades de Aprendizagem. Para tanto necessita investigar a instituição educacional, participando das relações com a comunidade educacional, conhecendo as didáticas e metodologias utilizadas, analisando a instituição como um todo, incluindo todos os profissionais que ali trabalham, detectando os problemas e intervindo para resolvê-los de forma que se tenha o andamento normal, sem Dificuldades de Aprendizagem, evitando que surjam outros problemas.

Para tanto deve atuar como

[...] um mediador capaz de integrar e sintetizar as várias áreas do conhecimento junto à equipe escolar [...] É de fundamental importância instrumentalizar o professor para lidar com essa questão, tornando acessível os conhecimentos necessários para o trabalho com as dificuldades de aprendizagem (SCOZ *apud* PORTO, 2012 p. 118).

Esse profissional deve orientar o professor, a instituição, a família, conscientizando-os de que todos têm um papel fundamental na formação desse sujeito, que necessita do auxílio deles para crescer, sem se envolver nas estratégias que esse aluno cria para camuflar, fugir do que se espera dele,

estabelecendo limites para ele. Limites que não apenas serve para lhe dar proteção e segurança, como também para ajudá-lo a controlar a ansiedade e tolerar algumas frustrações.

Maldonado (apud OLIVEIRA In SISTO et al., 2012 p. 82) ao falar sobre os limites, afirma que:

A função protetora dos limites não se restringe apenas aos limites colocados com o objetivo de evitar situações de perigo ou risco [...] mas abrange algo bem mais amplo, tal como proteger a criança contra o excesso de sentimento de culpa por remorso quando vê que na realidade atacou, nos machucou ou destruiu alguma coisa importante para nós.

O Psicopedagogo deve ainda orientar o professor a oferecer recursos que enriqueçam o processo educativo de forma que os alunos se interessem, encontrem sentido, bem como estimulem o potencial motor – principalmente nos primeiros anos na Escola, através de experiências corporais, dos recursos da psicomotricidade - e o potencial intelectual do aluno.

O sujeito fica mais preparado e apto a passar adiante das suas dificuldades na Escola, na medida em que vive e experimenta, através de suas próprias experiências, da manipulação do que o cerca, bem como da oportunidade de se descobrir.

Como podemos perceber essa ação de prevenção do fracasso escolar, das Dificuldades de Aprendizagem, não deve estar voltada apenas para o aluno, mas para os educadores e demais envolvidos nesse processo.

Dessa forma, durante a intervenção psicopedagógica se faz necessário investir na melhoria das interações e relações de aprendizagem e na autonomia dos alunos e professores.

Bossa (apud PORTO, 2007) define três níveis de prevenção no trabalho do psicopedagogo institucional. No primeiro nível, sendo esse o principal nível da intervenção, o psicopedagogo atua com o objetivo de diminuir os problemas relacionados às Dificuldades de Aprendizagem.

No segundo nível, além de diminuir, o objetivo é tratar os problemas existentes na instituição, tendo assim o diagnóstico da instituição para em seguida elaborar os planos de intervenção, avaliando inclusive o currículo com os professores. No terceiro nível o objetivo é eliminar os problemas existentes com um procedimento clínico.

O primeiro passo do psicopedagogo é realizar o diagnóstico para identificar as dificuldades, os obstáculos, os entraves e as relações dos sujeitos envolvidos – professores, alunos, pais. Em seguida deverá analisar os dados coletados para identificar o que está ocasionando os problemas de aprendizagem. Esse diagnóstico não serve apenas para levantar os dados, mas também como um resultado do confronto entre o que a escola vive e o que ela deseja viver (PORTO, 2007).

É necessário que esse profissional saiba ouvir para que a partir disso compreenda a lógica existente na instituição. Precisa conhecer as crenças, os costumes, os valores, as formas de perceberem e serem percebidos, considerando também os aspectos orgânicos, motores, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos.

Durante o processo de avaliação psicopedagógica institucional, o psicopedagogo utiliza de entrevistas, análise documental, participação direta, observação e introspecção, simultaneamente, o que demanda tempo, precisando, às vezes, de dedicar muitas horas na instituição.

Ao estar mergulhado na instituição, esse profissional precisa observar alguns aspectos de grande relevância, como as relações humanas, a integração da escola com a vida diária do aluno, ter como foco uma análise para posterior intervenção, desempenho dos papéis dos sujeitos, fazer uso das observações diretas juntamente com outros métodos que contribuam para a coleta de informações.

O psicopedagogo deve planejar várias estratégias para coletar os dados, sendo que Porto (2007) sugere algumas formas como os registros de arquivos, notas de campo, observações diversas, sumário de observações, desenhos associados às anotações de campo, conversas e entrevistas informais, entrevistas gravadas, percepções verbais e não verbais como expressões faciais, gestos, tom de voz, linguagem corporal, outras interações sociais. Coletando dados em formas variadas, tendo vários participantes e em várias situações.

A partir de então, o psicopedagogo deve atuar buscando técnicas, promovendo discussões, reuniões, sensibilizações, criando novas estratégias para a aprendizagem com o objetivo de resgatar e ressignificar o aprender para esse aluno com Dificuldades de Aprendizagem, bem como para todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

Ao executar seu plano de ação, o psicopedagogo se depara com vários problemas no percurso, sendo todos importantes, mas é preciso utilizar metodologias adequadas para evitar ficar preso em fatores que tem pouca ou nenhuma relação com o que se deseja estudar.

Ele deve tomar cuidado para que a sua presença não provoque mudanças na sala de aula, na escola, o que pode prejudicar sua investigação. Uma estratégia é ter sua presença em sala, várias vezes, antes de iniciar a coleta de dados, de forma que o grupo se acostume primeiro com a sua presença e ajam naturalmente, como de costume.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se a aprendizagem como um processo que engloba a trama organismo-inteligência-corpo-desejo, necessitando de um vínculo, estímulos e interações.

Todo profissional que está envolvido com a aprendizagem deve criar um clima favorável, em que ocorra a cooperação entre o grupo, e não a competição, respeitando as diferenças individuais, valorizando as diferentes habilidades, ao invés de exigir que todos façam a mesma coisa, ao mesmo tempo, do mesmo jeito.

Esse profissional deve promover a motivação, se comprometer com a aprendizagem do seu aluno, com o crescimento pessoal, sendo o mediador e assumindo a responsabilidade do processo de aprendizagem do seu aluno.

As dificuldades do professor em lidar com as Dificuldades de Aprendizagem são grandes, uma vez que atrapalham, alteram o ritmo da sala. Ora por não terem o conhecimento, ora por necessitar de um trabalho mais amplo com a família. Além disso, essas dificuldades exige um trabalho mais direcionado, o que demanda um tempo maior, inviável para o professor isoladamente.

É necessário, portanto, o trabalho do psicopedagogo na instituição para diagnosticar, articular e mediar, com pais e educadores, no sentido de trabalharem juntos, na prevenção das dificuldades que podem estar por trás do não aprender.

O professor, quase sempre, fica preso e preocupado somente com a aprendizagem da matéria e o psicopedagogo trabalha de forma a chamar a atenção sobre como esse professor deve auxiliar a família, que muitas vezes cria situações

que leva esse aluno ao fracasso cada vez maior.

O professor não irá curar, nem saber diagnosticar as Dificuldades de Aprendizagem, mas deve criar um ambiente de respeito, promovendo a autoconfiança, trabalhando a autoestima, o respeito mútuo, diminuindo a ansiedade, criando um clima propício para que ocorra a aprendizagem.

Criando um ambiente desafiador, mantendo um nível aceitável de tensões e cobranças, aguçando a curiosidade, fazendo esses alunos a reconhecerem a necessidade de aprender.

As Dificuldades de Aprendizagem podem ter aspectos orgânicos e motores, cognitivos e intelectuais, emocionais, sociais ou pedagógicos.

O trabalho do psicopedagogo na instituição é fundamental, seja para auxiliar a diagnosticar possíveis Dificuldades de Aprendizagem, prevenir, quanto auxiliar no tratamento das DA, fazendo o trabalho de mediação do sujeito e sua dificuldade de aprendizagem.

Esse profissional precisa traçar alguns critérios para atuar, realizando inicialmente coleta de dados para o diagnóstico, a fim de diagnosticar as condições de aprendizagem. Em seguida deve pesquisar, fazer um plano de ação e por último orientar e realizar devolutivas para os envolvidos no processo, família, instituição e o próprio sujeito, bem como os encaminhamentos necessários para sanar as dificuldades levantadas.

São muitos os desafios, pois muitas instituições não têm esse profissional, deixando a desejar um trabalho com qualidade, sem maiores traumas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Editora expoente, 2001.

CAVELLUCCI, L. C. B.. **Estilos de Aprendizagem: em busca das diferenças individuais**. 2006, p.10-12. Disponível em:

http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/lia/estilos_de_aprendizagem.pdf. Acesso em: 19 jan. 2017.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

_____. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende?** Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2007.

SISTO, Fermino Fernandes et al. **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.